



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Silvana Pereira, Angélica; Reis, Rosemeire

Olhares cruzados sobre ser jovem e estudante do ensino médio: contextos, experiências e reflexões

EccoS Revista Científica, núm. 35, septiembre-diciembre, 2014, pp. 157-172

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71535318010>

- [Como citar este artigo](#)
- [Número completo](#)
- [Mais artigos](#)
- [Home da revista no Redalyc](#)



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

OLHARES CRUZADOS SOBRE SER JOVEM E ESTUDANTE DO ENSINO MÉDIO: CONTEXTOS, EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES

SHARING VIEWS ON BEING YOUNG AND A HIGH SCHOOL
STUDENT: CONTEXTS, EXPERIENCES AND REFLECTIONS

Angélica Silvana Pereira

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2011). Docente do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC). É integrante do grupo de pesquisa “Juventudes, Culturas e Formação”. (CEDU/UFAL)
angelica.ufsc@gmail.com

Rosemeire Reis

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil (2006). Docente da Universidade Federal de Alagoas, nas Licenciaturas e na Pós-Graduação em Educação. É líder do grupo de pesquisa “Juventudes, Culturas e Formação”, (CEDU/UFAL)
reisroseufal@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, pretende-se trazer à luz os resultados de uma pesquisa quantitativa que analisou os planos de futuro, bem como os sentidos da escola e dos estudos para jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública de Maceió (AL). O recorte escolhido para ser compartilhado neste texto focaliza contextos da vida dos jovens, conexões e descompassos entre práticas de sociabilidades juvenis e a vida escolar. Busca-se problematizar esta suposta dicotomia entre a vida *dentro* e *fora* da escola, de forma a potencializar uma discussão sobre suas identidades como jovens e como estudantes do ensino médio, favorecendo compreensões múltiplas sobre estes sujeitos. Acredita-se que esta via de análise possibilita a emergência de alguns questionamentos sobre arranjos e práticas escolares nesta etapa da escolarização, na qual são produzidos demandas e anseios juvenis e que, de modo geral, parece tecer poucas interlocuções com os jovens dos nossos tempos.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens estudantes. Ensino médio. Identidades. Sociabilidades juvenis.

ABSTRACT: The objective of this paper is to bring to light the results of a quantitative research that analyzed the future plans, as well as school and studying senses for high school young students from a public school in Maceió (AL). This text focuses on life contexts of these students, connections, and disparities between youth sociability practices and school life. We intend to discuss about this supposed dichotomy between life inside and outside school, in order to potentiate a debate about their identities as young subjects and high school students, favoring multiple comprehensions about them. This analysis is believed to favor the emergence of questions regarding high school

arrangements and practices, in which youth demands and desires are produced and that, in general, seem to weave little interlocutions with today's young students.

KEY WORDS: Young students. High school. Identities. Youth sociabilities.

Introdução

O presente texto foi construído buscando articulações entre discussões no âmbito da educação que versam sobre as escolas médias brasileiras e os estudos sobre juventudes, no intuito de tecer análises sobre experiências escolares e práticas de sociabilidades entre jovens do primeiro ao terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Maceió (AL)¹. Assim, estão em pauta neste artigo alguns resultados de uma pesquisa desenvolvida de 2010 a 2012 numa escola de periferia da capital alagoana, abarcando 218 jovens e adultos estudantes dos turnos vespertino e noturno. A escola funciona nos três turnos e oferece ensino fundamental e médio, sendo que no período noturno são atendidos estudantes do ensino médio na modalidade educação de jovens e adultos (EJA).

Importante ressaltar que, embora alguns estudantes adultos tenham participado da pesquisa, a grande maioria dos nossos interlocutores se autoidentificaram como jovens. Os critérios para esta autoidentificação pautaram-se, principalmente, em referenciais etários, mesclados com aspectos de suas vidas, tais como: estado civil, responsabilidades familiares, ingresso no mundo do trabalho, tempo para diversão, entre outros.

Considerando que os jovens são o foco da discussão a que estamos nos propondo, priorizamos as análises de materiais advindos dos questionários e grupos de discussão com os estudantes do vespertino, grupo este que se autoidentificou como jovens, sem exceções. Através destes materiais pretendemos problematizar certa polarização entre as identidades destes sujeitos enquanto jovens e estudantes do ensino médio.

Partimos do pressuposto de que estas identidades são constituídas de forma relacional – uma em relação à outra – e não necessariamente como opositoras e inimigas entre si. Em consonância com as noções de identidade, no viés dos estudos culturais, esta suposição se apoia no entendimento de que as identidades são construções socioculturais contingentes. Em tal perspectiva, as identidades são provisórias, instáveis e

mutantes, podendo ser constantemente negociadas e reinventadas, a partir dos códigos, símbolos e significados disponíveis nos sistemas culturais nos quais os sujeitos estão inscritos e/ou transitam.

Diante do exposto, podemos considerar que elementos relacionados à classe social, questões geracionais, bairro onde vivem, vida escolar, inserções no mundo do trabalho e outras dimensões culturais, como questões de consumo, de gênero, de etnia, de pertencimento religioso e outros, perpassam modos como estes jovens vivem suas juventudes, instigando-nos a colocar em relevo compreensões de juventude que se distanciam de análises generalistas, definidas basicamente por características biopsicológicas.

Evocamos, portanto, a palavra juventudes – no plural – aliando-nos às compreensões de juventudes como uma categoria múltipla, produzida numa complexa trama de representações sociais e culturais que vão se construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas, tornando impossível falarmos numa juventude única. Com efeito, esta compreensão traz à tona questionamentos acerca de definições seguras e estáveis sobre o que é ser jovem. Dizer que as juventudes são múltiplas implica pensar num leque de inúmeras possibilidades de ser jovem que são engendradas no plano econômico, social, político e cultural.

Assim, as identidades das quais falaremos no decorrer deste texto se desenham nos entrelaçamentos de papéis sociais de *ser jovem* e *ser estudante do ensino médio*, e são atravessados também por muitas outras práticas e discursos, provenientes de diferentes espaços e realidades sociais, dentre eles, a escola. Isto implica pensar que práticas juvenis diversas não estão presas num lugar fixo. Elas estão disseminadas de várias maneiras entre espaços mais ou menos institucionais, (re)compondo suas identidades.

Sobre a metodologia da pesquisa

A metodologia empreendida para a produção da materialidade junto aos jovens que fizeram corpo à investigação reuniu instrumentos filiados às pesquisas quanti e qualitativa. Trata-se, portanto, de uma metodologia quantíqualitativa composta por duas etapas. Esta perspectiva de investigação se apoia no intercruzamento de informações e materiais empíricos captados nos diferentes procedimentos utilizados.

Na primeira etapa, realizamos um estudo exploratório, mediante questionário composto por perguntas sobre diversos aspectos da vida dos jovens (aspectos socioeconômicos, práticas culturais, diversão) e perguntas voltadas para as relações destes estudantes com a escola e com os estudos. Na segunda, trabalhamos com grupos de discussão, onde se tornou possível levar aos grupos pontos e informações advindas do estudo exploratório para serem discutidos, com o objetivo de fazer emergir narrativas sobre aspectos que consideramos importantes e que mereciam maior investimento. Conforme Weller (2006), os grupos de discussão “[...] se constituem como representantes de estruturas sociais, ou seja, de processos comunicativos nos quais é possível identificar um determinado modelo de comunicação” (WELLER, 2006, p. 246). A autora argumenta que os grupos de discussão permitem apreender questões significativas para o grupo sobre os temas tratados e captar detalhes do seu convívio, por pertencerem ao mesmo meio social, por privilegiar o diálogo interativo entre os participantes, diminuindo a interferência do entrevistador, já que estão entre pares. Esta segunda etapa foi composta também por entrevistas individuais com estudantes que participaram dos dois procedimentos anteriores, a saber: estudo exploratório e grupos de discussão.

Como já explicamos anteriormente, a materialidade escolhida para a escrita deste texto foi proveniente dos procedimentos investigativos com os estudantes do vespertino. No cômputo geral, foram cento e quinze questionários, além de transcrições de dois encontros com os grupos de discussão realizados com doze jovens da segunda e terceira série.

Esta composição metodológica potencializou olhares cruzados sobre os jovens, seus contextos socioculturais e suas experiências, identificando atravessamentos, pontos de encontro e desencontro entre estes sujeitos, suas práticas e modos de sociabilidades em contextos escolares de ensino médio e não escolares, sobre os quais passaremos a discorrer nas seções que seguem.

Um novo público no ensino médio

Para alguns autores, os jovens que estão atualmente no ensino médio é um “novo público” produzido entre meados da década de 1990 com

a democratização do acesso nas instituições educacionais, pois nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, o ingresso nas escolas públicas de ensino médio regular era privilégio de jovens estudantes pertencentes a uma elite econômica e às derivações da classe média em ascensão (MENEZES, 2001). Nesse contexto, as instituições de ensino médio eram uma realidade distante para os jovens das ditas classes baixas.

Nas últimas décadas, tanto no Brasil como em âmbito mundial, acompanhou-se uma progressiva ampliação do acesso à escolarização de crianças e jovens. Em relação ao contexto brasileiro, Menezes (2001), bem como Sposito e Galvão (2004) observam que o crescimento da urbanização do país tem exigido maiores investimentos na escolarização dos sujeitos como possibilidade de acesso ao universo do trabalho. Além disso, as autoras destacam que o fato de a educação escolar ser tratada nos textos legais como “[...] um direito de crianças e jovens decorrente do novo desenho institucional provocado pela transição democrática” (SPOSITO; GALVÃO, 2004, p. 346) produziu certa pressão para a escola abrir-se para um público que, até então, fazia parte de uma realidade distante dela.

O processo de democratização do acesso trouxe para as escolas de nível médio um crescimento quantitativo bastante expressivo. Em relação à pesquisa, identificou-se que grande parte dos jovens está em situação não favorecida economicamente, já que mais da metade dos estudantes (66%) possui renda familiar até R\$ 800,00 e 23% vivem com renda familiar de R\$ 801,00 a R\$ 1.100,00. Apenas 5% dos alunos tem renda familiar superior a R\$ 1.500,00.

Embora as portas de acesso ao ensino médio tenham sido abertas para estes jovens, não significa, porém, que as escolas médias estejam dando conta das demandas que se põem em diversos aspectos. Para os jovens estudantes que participaram dos grupos de discussão, as críticas mais salientes em relação ao ensino médio referem-se à preparação para o mundo do trabalho, como se observa nos fragmentos de fala a seguir:

O segundo grau completo [referindo-se ao Ensino Médio] não é garantia que você vai ter um bom emprego. Você tem que ter o Ensino Superior. (Cris, estudante do vespertino).

Hoje em dia o Ensino Médio não tá formando mais ninguém pro mercado de trabalho. Tem que ter o Ensino Superior. Hoje mesmo eu tava vendo um cartaz de um concurso aí que ia ter pra gari e tem que ter o Ensino Médio. Antigamente não era assim. Antigamente eles não precisavam ter o Ensino Médio pra entrar. Era o conhecimento deles mesmo. Hoje em dia tem que ter o estudo pra entrar. (Ariano, estudante do vespertino).

Pode-se inferir que há diferenças cruciais nas expectativas em torno das escolas médias e das realidades de seus estudantes. Embora estejamos falando de um contexto educacional específico, ou seja, de uma escola pública de periferia localizada em Maceió (AL), algumas das materialidades encontradas no processo de pesquisa, quando cruzadas com outras pesquisas realizadas com jovens de ensino médio no cenário brasileiro, nos permite inferir que as escolas médias parecem ter como característica central a preparação para o ingresso no ensino superior, e não a preparação para o trabalho, apesar de esse último ser um discurso corrente e também uma expectativa desta etapa da escolarização.

Nas reformas do ensino médio que ocorreram no Brasil a partir da década de 1990 estão presentes a proposta de superação de tal dualidade. Conforme o artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394/1996), as finalidades do ensino médio são:

[...] consolidação dos conhecimentos [...] do ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos; [...] preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando; o aprimoramento do educando como pessoa humana [...] a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática. (BRASIL, 1996, p. 15).

No entanto, identifica-se na cultura escolar de ensino médio das escolas brasileiras e, também, na escola pesquisada que os argumentos que sobressaem focalizam preponderantemente a preparação para o ingresso no ensino superior, mesmo com a perspectiva de que esse objetivo será atingido por um número ínfimo de estudantes. Por outro lado, coexiste

com tal expectativa a preocupação dos jovens com suas inserções no mercado de trabalho.

Estes discursos e expectativas se materializam em contradições entre uma instituição que idealmente propõe uma superação na dualidade histórica da formação no ensino médio, que no cotidiano se sustenta com o discurso que propõe os estudos como a possibilidade de um futuro melhor, mas que se apresenta para os jovens como um período de “obrigações”, muitas vezes enfadonhas.

Pertinente ressaltar que esse processo de democratização da educação básica precisa ser compreendido na sua complexidade para que a escola receba de modo legítimo os “novos partícipes”, que, algumas vezes, nem sabem o que esperar dessa instituição que por muito tempo foi pensada e organizada para outro público.

Neste sentido, tem-se a sensação de que as escolas médias são pensadas visando a uma identidade específica de jovem estudante, geralmente pautada num imaginário juvenil/estudantil que tem conexões mais aproximadas com o seu “antigo” público.

Entretanto, parece-nos que, além dessas questões que têm sido bastante centrais nos debates sobre as escolas médias, existem outras, sobre as quais pouco se tematiza, conferindo-lhes, muitas vezes, um lugar de “menor valia”. Referimo-nos às questões que dizem respeito às outras dimensões da vida dos jovens, tais como seus gostos, seus consumos, suas práticas, suas formas de sociabilidades, suas experiências afetivas e estéticas, as quais também perpassam – e de forma contundente – estes novos sujeitos estudantes do ensino médio de nossas escolas. Isto implica mirá-las com as lentes da cultura, buscando compreendê-las no seu dinamismo cotidiano, como espaço habitado por sujeitos sociais e históricos que reinventam práticas capazes de conferir a ela outros significados.

Este reconhecimento da escola como espaço sociocultural, como nos propõe Dayrell (2003), permite a ampliação das análises educacionais, na medida em que os fazeres cotidianos dos jovens, suas práticas de sociabilidade oferecem subsídios para algumas discussões necessárias que podem contribuir para pensarmos a escola, seus currículos e suas práticas, principalmente aquelas voltadas para o ensino médio, etapa da escolarização dos jovens para os quais olhamos durante os últimos anos.

Sociabilidades juvenis

Sabemos que, mesmo com as ampliações do acesso à educação básica para todos, os números nos mostram que o ensino médio é uma etapa da escolarização habitada, majoritariamente, por um público jovem. Diante disso, podemos supor que ele se configura num espaço e num tempo permeado, “invadido” e marcado por sinais de identidades juvenis que são compartilhados através de experiências individuais e coletivas.

É nessas experiências que se desenrolam as sociabilidades juvenis, aqui entendidas como práticas de trocas, de interação e de construção identitária que podem estar presentes em diferentes tempos e espaços. Elas envolvem estar *com* amigos, grupos de pertencimento ou mesmo grupos rivais; envolvem tempos e espaços de lazer e de diversão e também os tempos e espaços institucionais, como a escola, a igreja, clubes, etc.

Em nossos contatos com os jovens estudantes durante as incursões na escola pesquisada, alguns espaços de sociabilidade foram mencionados. Os espaços virtuais, por exemplo, foram citados como lugares de encontros e de relacionamentos com amigos, através do *orkut*, do *facebook* e de outros *sites*, ficando explícito o uso da internet como via de sociabilidade. Entretanto, observamos que as práticas de sociabilidades por eles referidas estavam “situadas”, sobremaneira, nos espaços de lazer/diversão e na escola.

Espaços de lazer e diversão

Para termos uma noção sobre como os jovens se divertem e como vivem alguns espaços da cidade, perguntamos-lhes se este ano eles haviam ido ao teatro, festas, cinema, *shows*, museus e outros lugares. Entre tais alternativas, as mais frequentes foram as festas e as idas à praia, totalizando 80% e 69% das respostas, respectivamente. Em relação à praia, cabe ressaltar que a cidade apresenta muitas opções neste sentido, mesmo considerando que muitas das praias se tornam inacessíveis devido à distância. A terceira atividade de diversão mais citada pelos estudantes foram os *shows*, num total de 44% dos alunos. Apenas 7% dos estudantes disseram ter ido

ao museu e 8% deles foram ao teatro. O cinema foi um espaço citado por 19% dos estudantes. Chamou-nos a atenção para o fato de 8% dos estudantes não terem ido a nenhum destes lugares.

Os dados referentes a esta pergunta permitem algumas interpretações. A primeira delas é que, festas e *shows* são atividades consideradas “típicas” dos jovens e são muito praticadas entre eles. Os jovens têm sido um público potencial para determinadas festas e *shows*, promovidos ou organizados de forma peculiarmente dirigida a eles. Além disso, o fato de as festas terem sido a alternativa mais assinalada permite a interpretação que, dentre as outras possibilidades de lazer, talvez esta seja uma das que exigem menos investimento financeiro, tornando-se de fácil acesso, como se pode observar no próximo fragmento de fala:

É porque festa é comum mesmo [...], porque é simples assim na rua, na casa dos amigos. (Jefferson, estudante do vespertino).

Porque festa é uma forma de você sair de casa e encontrar os amigos, né... num lugar mais descontraído... Acaba sendo até melhor do que praia. (Ariano, estudante do vespertino).

Elas podem ser organizadas de acordo com as possibilidades econômicas e geográficas dos jovens e de seus amigos, além de não dependerem de um lugar fixo para que elas aconteçam. Já as atividades que envolvem custo para o seu acesso, como cinema, teatro e museu, parecem ser as menos cogitadas como opção de lazer. Além disso, é possível inferir que muitos jovens não veem como significativos ou interessantes alguns desses espaços, a ponto de valer a pena o investimento em ingresso e transporte. Neste sentido, torna-se possível a leitura de que as formas como se vivem os espaços têm alguma relação com os significados que são atribuídos a eles, como se constata no fragmento de fala de um jovem sobre os museus, no grupo de discussão:

Depende da educação que a gente tem na escola... assim, [se tivessemos] mais cultura, educação melhor, com certeza, vai aumentar o percentual de visitas ao museu. (Jefferson, estudante do vespertino).

Outro fragmento de fala mostra também que, para alguns jovens, os museus podem não ter a “conotação” de ser um espaço de lazer.

Porque pra muitos, tipo, a questão de você saber onde é o museu, ir no museu, já é complicado... só o fato de ir no museu... Vixe! O povo prefere a praia, a festa... (Ariano, estudante do vespertino).

O museu pode ser considerado “institucional demais”, “formal demais”, por apresentar uma relação estreita com conhecimentos históricos e culturais que, aparentemente, parecem não ter relação com seus modos de vida. Isto o torna desconhecido e inacessível no mapa das sociabilidades juvenis.

Pode-se identificar, nas falas dos jovens, que os museus são espaços que condensam aquilo que se entende por cultura. Desse modo, a cultura está relacionada com os modos de vida das pessoas e com os significados das coisas que elas fazem no seu dia a dia. Entendemos que a visão do museu como “o lugar da cultura” refere-se àquela cultura que pouco tem a ver com a vida dos jovens. Pelo contrário: parece que criamos mundos opositores em que, de um lado, estão os jovens com suas práticas e suas expressões culturais consideradas menores, de outro, espaços como museus, teatro e até mesmo a escola, vistos como lugares onde jovens devem buscar “a cultura”. Neste entendimento, infere-se que aquilo que está na escola, nos museus, no teatro são saberes e práticas “melhores”, “superiores” àquelas pelas quais os jovens manifestam-se e constroem suas sociabilidades.

Neste aspecto, as questões de pertencimento assumem grande importância nas composições identitárias dos jovens e suas formas de sociabilidade. Pertencer a um ou mais grupos parece ser uma prática comum entre jovens na contemporaneidade. Entretanto, ao serem perguntados se pertenciam a algum grupo juvenil fora da escola, surpreendentemente, 60% dos jovens responderam que não fazem parte de nenhum grupo. Além de tais respostas, num encontro com estes alunos para apresentar os resultados da primeira etapa da pesquisa, alguns jovens comentaram que fora da escola não há nada que eles possam fazer no bairro.

Estas respostas indicam uma provável precariedade de outros espaços de sociabilidade, nos quais os jovens podem relacionar-se, criar formas de expressividades, criar coletivos menores... Isto nos leva a crer que ou-

etros espaços institucionais onde os jovens podem desenvolver suas sociabilidades são praticamente inexistentes no bairro onde a maioria desses jovens vivem, ou então que estes espaços, quando existem, parecem não ser acessíveis.

A ausência de praças, parques, espaços esportivos, associações ensina modos de viver na cidade, fazendo com que os fluxos e trânsitos se reduzam, diminuindo também as possibilidades de encontros, o que pode ter como efeito um encolhimento do leque de pertencimentos dos jovens a outros grupos. Neste caso, ratifica-se a imagem da escola como sendo, acima de tudo, um espaço de sociabilidade, de encontro de amigos, pois ela acaba por tornar-se praticamente uma das poucas vias de acesso para que estes jovens possam “ser de algum grupo”.

Questões de pertencimento a outros grupos juvenis só puderam ser identificadas durante os grupos de discussão. Os pertencimentos mencionados são atravessados pela música e pelo futebol, como se pode observar nos excertos de fala a seguir:

Dentro desse grupo de torcida organizada, tem aquele grupinho que está ali só pra bagunçar, gosta de subir no ônibus, fazer algazarra... essas coisas... quebrar ônibus. Aí sempre tem esse grupo que gosta de fazer essa bagunça, enquanto tem outro que fica conversando e não pratica esse tipo de ação. (Jefferson, estudante do vespertino).

Nem todas as pessoas gostam da mesma coisa. Eu mesmo, gosto muito de RAP, reggae porque eu sei e entendo a letra. Então eu sei entender. Muitas pessoas não entendem a letra, dizem que é de vagabundo, marginal; mas é porque não entendem a letra da música. Quem entende a letra vai ver que tá passando o dia a dia, o que tá acontecendo no país, no Estado, na periferia... E muitas pessoas não entendem. (Ariano, estudante do vespertino).

Observa-se nos fragmentos acima um movimento de identificação e de repulsa de alguns símbolos e/ou práticas, mostrando que o pertencimento não se dá apenas via afinidades, mas também pelas demarcações simbólicas que lhes permitem reconhecer-se como sujeito perante um co-

letivo. Os grupos de pertencimento e seus sistemas simbólicos são, portanto, vias de composições identitárias, na medida em que os jovens se aproximam, apropriam-se e se constituem como sujeito e como grupo. Conforme destaca Dayrell (2009), os grupos culturais juvenis são espaços de ampliação de circuitos e redes de trocas, tornando-se um meio privilegiado pelo qual se inserem na esfera pública.

A escola

Quando perguntados sobre os espaços onde preferem estar com os amigos, chamou-nos a atenção que, dentre tantas alternativas, a grande maioria dos jovens apontou a escola como lugar preferido, totalizando 83% das respostas. Isto pode sinalizar que, apesar de possíveis dificuldades relacionadas à aprendizagem, ela acaba se configurando numa das principais referências para estes jovens. A preferência significativa pela escola leva-nos a afirmar que ela assume uma importância central na vida destes jovens, importância esta que não está necessariamente vinculada com as questões do conhecimento propriamente dito.

Mas assim, para quem tem amigos que estudam na mesma sala, sempre tem aquele tempinho para conversar... O professor vira de costas, eles estão conversando, o professor vai fazer chamada, estão conversando; o professor vai embaixo pegar alguma coisa, estão conversando, aí estão tendo sempre tendo aquele tempinho para conversar... (Anthony, estudante do vespertino).

As trocas entre amigos parecem ser favorecidas no espaço escolar, onde os jovens aprendem com práticas cotidianas diversas. Entretanto, em função do pouco diálogo de muitas escolas com os seus estudantes, torna-se até difícil que elas conheçam as aprendizagens e as sociabilidades que os alunos desenvolvem. Isto sugere pensar numa possível ambivalência da escola para eles. Muitos estudos destacam que, apesar de a escola ser considerada um importante espaço de sociabilidade, muitos jovens têm dificuldades para manter-se dentro dela durante muito tempo, devido às dificuldades de aprendizagem e às diversas circunstâncias de suas vidas.

Apesar de acreditarem nas promessas da escola como condição para dias melhores, devido a algumas práticas repetitivas e pouco relacionadas com seus modos de vida, torna-se difícil para muitos deles que ela seja atrativa do ponto de vista do conhecimento.

Além disso, as respostas dos jovens para esta pergunta podem ser indicativas da ausência de outros espaços de sociabilidade acessíveis e/ou de condições favoráveis para frequentá-los, o que fica evidente o excerto de fala de uma jovem:

Em minha opinião é porque [...] as vezes você [...] não tem como sair... No horário da tarde tá na escola junto dos amigos que estudam na escola, né. Ali se encontram... às vezes à noite não tem como sair por causa da violência, ou às vezes, por preguiça... essas coisas todas né. (Carmem, estudante do vespertino).

Talvez esta ausência de possibilidades – leia-se de espaços de lazer acessíveis, de segurança, etc. – seja um dos principais motivos para que tais jovens vejam a escola como espaço preferido para estar com os amigos. Se outros espaços de sociabilidade são remotos em suas vidas, é provável que os amigos e os grupos com os quais convivem sejam, na sua maioria, os colegas de escola, como se pode constatar no fragmento de fala que segue:

É, não é o melhor lugar de se encontrar. É o que realmente dá... É o tempo, né, para maioria das pessoas. (Jefferson, estudante do vespertino).

Para autores como Dayrell (2009), as sociabilidades juvenis dizem respeito ao compartilhamento de ações baseadas no instante em que se vive e nas condições nas quais os jovens se encontram e têm uma estreita relação com os espaços onde elas são desenvolvidas, alterando seus significados, fazendo emergir outras formas de vivê-los.

Entretanto, não é consensual essa ideia sobre saliência da escola como espaço para estar com amigos, como mostra o excreto de fala seguinte:

Pra mim é a questão da aprendizagem. Eu encontro com os amigos e tal, mas a escola também é um lugar pra estudar. (Cris, estudante do vespertino)

Este fragmento mexe, pelo menos em parte, com os discursos dualistas que produzem algumas representações sobre a escola e que merecem atenção. Isso implica pensar que, assim como os jovens estudantes do ensino médio precisam ser vistos na sua complexidade, o mesmo nos parece necessário em relação à escola.

O saldo em relação aos sentimentos dos estudantes da pesquisa para com a escola sugere que ela tem uma importância bastante positiva em suas vidas, principalmente devido a uma associação desse espaço com o lugar de estar entre os colegas e os amigos, entre os “iguais” e os “diferentes”. Desse modo, vale salientar que este exercício de alteridade e de identidade se aplica também à escola: ela pode ser, ao mesmo tempo, um importante espaço de sociabilidade e de construção do conhecimento.

Para (não) concluir...

Perguntamos também aos participantes da pesquisa o que é ser jovem. As respostas mais expressivas oscilaram entre ser rebelde e ser sonhador. Outros atributos foram mencionados, como ser indisciplinado e criativo.

Tais “definições” nos parecem recorrer a algumas representações comumente acionadas para falar sobre juventudes. Assim, atributos, como ser rebelde e ser indisciplinado, fazem parte de uma representação bastante tradicional sobre juventudes. A esse respeito, Dayrell (2003) argumenta que a escola e seus professores são desafiados a pensar nessas representações tradicionais de juventude que dão sustentação aos discursos e às práticas que circulam no contexto escolar, ancoradas no ideário social de que a juventude é um estado transitório no qual o jovem é um sujeito que ainda vai ser alguém... Com isso, perde-se a possibilidade de olhá-lo no presente, como sujeito que está sendo aqui, agora.

Como produto dessas representações identitárias, as escolas parecem entender as atividades juvenis de forma compartimentada: de um lado, estão as práticas relacionadas com a escola e o “ser estudante”, com

a preparação para a vida profissional, com os planos para o futuro; de outro, estão as práticas que, *grosso modo*, são tidas como tipicamente juvenis, como, por exemplo, grupos de pertencimento, consumos culturais diversos, redes sociais na internet... tidas como uma espécie de inimigas entre si. Muitas escolas veem nos seus muros e nas suas portas – principalmente as portas das salas de aula – como uma fronteira que demarca o que deve ser feito, sobre o que deve ser falado, discutido naquele lugar. Colocando-as em posições extremas e polarizadas, estas práticas tão comuns entre os jovens do ensino médio acabam sendo tratadas como opositoras e incapazes de serem assumidas como possíveis canais de negociação entre a escola e os próprios jovens.

Em outras palavras, podemos dizer que a cultura escolar propõe os modos considerados legítimos para aprender e expressar determinados conhecimentos, valores, modos de agir, enfim, para agenciar e governar a vida escolar. Para Ramos do Ó (2010), a presença da ciência na cultura escolar se corporifica como uma versão completa do saber e do conhecimento, fundando um *regime cognitivo* que tem como foco a ideia preexistente e estável de sujeito pautada num modelo racionalista do século XIX.

Entretanto, o que temos visto emergir nos mais variados cenários sociais é uma amálgama de práticas e de sociabilidades juvenis que viabilizam jogos de identidade muitíssimo complexos, reafirmando o entendimento de Hall (2002) de que a identidade é uma construção inacabada e composta por projetos e buscas marcados por múltiplas trajetórias.

Reconhecemos, pois, que ser jovem e estudante do ensino médio implica papéis sociais distintos, mas que se misturam o tempo todo. Desse modo, quando um jovem adentra os portões da escola e, principalmente, a porta da sua sala de aula, não deixa de ser jovem para ser estudante: o estudante e o jovem são coexistentes. Evidentemente que em algumas circunstâncias, uma identidade pode se sobrepor à outra. Entretanto, este jogo de sobreposições faz parte de um processo de negociação que pode ser incessantemente reinventado pela escola e seus atores.

Notas

¹ Esse artigo apresenta alguns aspectos do estudo realizado na pesquisa “Estudantes da escola pública estadual do Ensino Médio em Maceió: quem são, os sentidos que atribuem aos estudos

e as possíveis relações entre a experiência escolar e seus planos de futuro”, sob a coordenação de Rosemeire Reis (UFAL), com apoio do CNPq, no âmbito do grupo de pesquisa “Juventudes, Culturas e Formação”. Agradecemos a todos os integrantes do grupo de pesquisa que em algum momento participaram do estudo e também aos estudantes, professores e coordenadores e à direção na escola pública em Maceió onde realizamos à pesquisa.

Referências

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Brasília, DF, 1996.

DAYRELL, Juarez. Juventude e Escolarização: os sentidos do Ensino Médio. *TV Escola, Salto para o futuro*: Secretaria da Educação a Distância, Ministério da Educação, Brasília, DF, ano XIX, boletim 18, 2009.

_____. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MENEZES, L. C. O novo público e a nova natureza do ensino médio. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 201-208, 2001.

PAIS, José Machado. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 7-21, jan./abr. 2008.

RAMOS DO Ó, Jorge; COSTA, Marisa; SILVEIRA, Rosa. Entrevista com Jorge Ramos do Ó. In: BONIN, Iara T.; BUJES, Maria Isabel B. (Org.). *Pedagogias sem fronteiras*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2010. p. 171-180.

SPOSITO, Marília P.; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

Recebido em 1º maio 2014 / Aprovado em 17 set. 2014

Para referenciar este texto

PEREIRA, A. S.; REIS, R. Olhares cruzados sobre ser jovem e estudante do ensino médio: contextos, experiências e reflexões. *EcoS*, São Paulo, n. 35, p. 157-172. set./dez. 2014.